

HUMANAS E SOCIAIS

V.10 • N.2 • 2024 • Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3801

ISSN Impresso: 2316-3348

DOI: 10.17564/2316-3801.2024v10n2p171-185



CENTRO CULTURAL JOÃO FONIA: REFLEXÕES SOBRE O “MUSEU DE SANTARÉM”

CULTURAL CENTER JOÃO FONIA: REFLECTIONS
ON THE “SANTARÉM MUSEUM”

CENTRO CULTURAL JOÃO FONIA: REFLEXIONES
SOBRE EL “MUSEO DE SANTARÉM”

Elias Mota Vasconcelos¹

Stael de Alvarenga Pereira Costa²

Marina Salgado³

Willi de Barros Gonçalves⁴

RESUMO

Este artigo objetiva destacar o Centro Cultural João Fona – CCJF, enquanto patrimônio cultural edificado de Santarém, Pará, bem como atualizar informações sobre ele, uma das edificações mais antigas da cidade, conhecido como “Museu de Santarém”. Datado da segunda metade do século XIX, época em que foram erguidas expressivas edificações na cidade, como o Teatro Vitória, o Solar do Barão de Santarém e o Solar dos Campos. O CCJF foi concebido inicialmente para sediar a Câmara Municipal, contudo, já foi utilizado como Intendência, Cadeia Pública, Tribunal do Júri, Prefeitura, Coordenadoria de Turismo, Secretaria de Cultura, e, a partir de 2011, passou a funcionar como CCJF. Entre as onze salas que o compõem, estão o rico e valioso acervo de cerâmica Tapajó ou Santarém, fragmentos da mesma cerâmica, telas, móveis de época, exposições temporárias e permanentes, o esqueleto de uma baleia *Minke* e, utensílios utilizados para torturar e açoitar negros escravizados à época colonial. A carência de fontes bibliográficas foi um dos pontos negativos apontados para a elaboração deste estudo, destarte, a contribuição envolvendo pesquisadores das áreas de turismo, arquitetura, conservação e restauração sinalizam novas possibilidades e avanços para estudos atualizados e interdisciplinares sobre o CCJF. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica e documental, observação não participante e entrevista não estruturada.

PALAVRAS-CHAVE

Centro Cultural João Fona. Memória. Patrimônio. Praça Barão de Santarém.

ABSTRACT

This article aims to highlight the João Fona Cultural Center – CCJF, as a built cultural heritage of Santarém, Pará, as well as update information about it, one of the oldest buildings in the city, known as the “Santarém Museum”. Dating from the second half of the 19th century, a time when significant buildings were built in the city, such as the Teatro Vitória, the Solar do Barão de Santarém and the Solar dos Campos. The CCJF was initially designed to host the City Council, however, it has already been used as an Intendency, Public Prison, Jury Court, City Hall, Tourism Coordination, Culture Secretariat, and, from 2011, it started to function as the CCJF. Among the eleven rooms that make it up, there is a rich and valuable collection of Tapajó or Santarém ceramics, fragments of the same ceramics, canvases, period furniture, temporary and permanent exhibitions, the skeleton of a Minke whale and utensils used to torture and whip black people enslaved during colonial times. The lack of bibliographic sources was one of the negative points highlighted in the preparation of this study, therefore, the contribution involving researchers in the areas of tourism, architecture, conservation and restoration signal new possibilities and advances for updated and interdisciplinary studies on the CCJF. The methodology used was bibliographic and documentary research, non-participant observation and unstructured interviews.

KEYWORDS

João Fona Cultural Center; Memory. Patrimony; Barão de Santarém Square.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo resaltar el Centro Cultural João Fona – CCJF, mientras patrimonio cultural construido de Santarém, Pará, así como actualizar informaciones sobre lo mismo, una de las construcciones más antiguas de la ciudad, conocido como “Museo de Santarém”. Fechado de la segunda mitad del siglo XIX, época en la que se construyeron importantes edificaciones en la ciudad, como el Teatro Vitória, el Solar del Barón de Santarém y el Solar de los Campos. El CCJF fue diseñado inicialmente para albergar el Ayuntamiento de la Municipalidad, sin embargo, ya ha sido utilizado como Intendencia, Cárcel Pública, Tribunal de Jurados, Alcaldía, Coordinación de Turismo, Secretaría de Cultura y, a partir de 2011, pasó a funcionar como el CCJF. Entre las once aulas que lo componen, están una rica y valiosa colección de cerámica de *Tapajó* o Santarém, fragmentos de la misma cerámica, lienzos, muebles de época, exposiciones temporales y permanentes, el esqueleto de una ballena *Minke* y, utensilios utilizados para torturar y azotar a los negros esclavizados durante la época colonial. La falta de fuentes bibliográficas fue uno de los puntos negativos apuntados para la

elaboración de este estudio, por lo tanto, la contribución envolviendo los investigadores de las áreas de turismo, arquitectura, conservación y restauración señalan nuevas posibilidades y avances para estudios actualizados e interdisciplinarios sobre el CCJF. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica y documental, la observación no participante y la entrevista no estructurada.

PALABRAS CLAVE

Centro Cultural João Fona. Memoria. Patrimônio. Plaza Barón de Santarém.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

Santarém, intitulada por seus moradores como “Pérola do Tapajós”, é a terceira cidade mais populosa do Pará, situada a oeste desse estado, na mesorregião do Baixo Amazonas e na microrregião de Santarém, mais precisamente nas coordenadas geográficas $-2^{\circ}27'2.43''$ / $-54^{\circ}42'3.33''$ (FIGURA 1). Em linha reta, está distante da capital, Belém, a 1449 km, por via terrestre, 876 km, por via fluvial, e 697 km, e por via aérea - aproximadamente 54 minutos (Santarém, 2018).

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge, 2022), sua população estimada é de: 331.937 pessoas e possui área territorial de: 17.898,389 km². Fundada em 22 de junho de 1661, pelo padre João Felipe Bettendorf, durante missões jesuítas na região, Santarém passou pelas categorias de Aldeia (1661), Vila (1758) e de cidade (1848) (Fonseca, 2007; Santos, 1999).

Figura 1 – Localização do Município de Santarém



Fonte: Pires *et al* (2018).

Segundo a historiografia, os mais importantes patrimônios edificados de Santarém foram erguidos a partir da segunda metade do século XIX, como o Teatro Vitória, o Solar dos Campos, o Solar do Barão de Santarém e o CCJF, que foi concebido para sediar, à época, a Câmara Municipal. Ressalta-se que a Catedral Metropolitana de Santarém - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição - é a edificação mais antiga, com sua construção iniciada no século XVII e concluída no século XVIII (Amorim, 2009; Santos, 1999).

Os apontamentos de Santos (1999) indicam que, àquela época, o quadrilátero onde seria construído o CCJF (FIGURA 2) era conhecido como Praça Municipal ou da Municipalidade, e posteriormente passou a ser denominado Praça Barão de Santarém. Além do CCJF, existem outros patrimônios distribuídos pela praça, como a Igreja de São Sebastião, o anfiteatro Joaquim Toscano, um Obelisco erguido em comemoração aos cem anos de independência do Brasil, réplica de vaso de gargalo e vaso de cariátides, além de *muiraquitãs* em alguns dos bancos da praça.

Figura 2 – Praça Barão de Santarém com monumentos



Legenda: 1 Centro Cultural João Fona, 2 Anfiteatro Joaquim Toscano, 3 Bancos com figuras de muiraquitãs, 4 Escultura vaso de gargalo, 5 Igreja de São Sebastião, 6 Obelisco, em comemoração aos cem anos da independência do Brasil, 7 Escultura vaso de cariátides.

Fotos: Elias Mota Vasconcelos (2020).

Fonte: Figura de fundo *Google Earth Pro* (Adaptado, 2024).

O CCJF, objeto de estudo deste artigo, foi concebido pelo major engenheiro Marcos Pereira Sales. A construção do prédio se deu entre os anos de 1853 a 1867, sendo oficialmente ocupado em 1868. Seu estilo arquitetônico é português, simples e belo, bem dividido internamente, com salas amplas, portas e janelas no formato de arco, possui escadaria e um grande pátio externo ladeado por oito colunas que adornam beleza e encanto à edificação (Amorim, 1999, 2009; Santos, 1999).

Conforme Santos (1999), a Câmara Municipal funcionava em um prédio alugado no centro da cidade que, à época, contava apenas com cinco ruas e seis travessas. Além do centro, existia a zona chamada de Aldeia, habitada por descendentes indígenas. Dessa forma, a Câmara Municipal acatou a sugestão do engenheiro supracitado e, depois de muita resistência por parte dos moradores abastados do centro, concordaram na mudança da Câmara Municipal para uma zona mais afastada, em 2023, bairro da Prainha, onde está localizado o CCJF.

Sua transformação em centro cultural foi determinada pela Lei Municipal nº 13.791/91 (Carvalho *et al.*, 2019). Assim, o recorte temporal deste estudo será de 1991, quando o CCJF deixou de ser a sede da Câmara Municipal e passou a funcionar como Centro Cultural, até 2023. Haja vista, a partir de então, a edificação funcionar como espaço de visitação, pesquisas, exposições, dentre outros.

Frisa-se que o CCJF é a única edificação tombada em Santarém, por decreto municipal no ano de 2011 e, se localiza à rua do Imperador, Praça Barão de Santarém, área nobre, bairro Prainha, em frente a um dos mais belos cartões postais da cidade, o encontro das águas dos Rios Amazonas e Tapajós. Das janelas frontais têm-se uma visão privilegiada para os rios Amazonas e Tapajós, patrimônios naturais que embelezam a frente da cidade.

O CCJF, conhecido por muitos como Museu de Santarém, teve outras funções no passado. Foi sede dos três Poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário –, Intendência Municipal, Cadeia Pública, Salão do Júri, Prefeitura, Coordenadoria Municipal de Turismo e Secretaria Municipal de Cultura (Amorim, 1999). A denominação de Centro Cultural só veio em agosto de 1991, por meio da lei municipal nº 13.791/91, que estabeleceu o seguinte: “[...] o Centro Cultural João Fona será utilizado exclusivamente com finalidades culturais, dando-se prioridade para a instalação, em suas dependências, de um museu capaz de fornecer uma visão abrangente da História” (Carvalho *et al.*, 2019, p. 95), sancionada, à época, pelo então prefeito Ronan Liberal.

O nome escolhido para o CCJF é uma homenagem a um dos mais ilustres artistas nascidos em Santarém, João Batista Pereira Fona, exímio pintor, músico e violonista, autodidata. Embora sua obra possa ser encontrada em alguns pontos pelo Brasil, infelizmente existem poucos exemplares em sua terra natal. Uma de suas obras mais famosas se chama “A Justiça”, a qual adorna uma das salas do CCJF.

O esplendor de sua arte se manifesta em suas telas e murais. João Fona foi um dos precursores da arte de pintura em cuias, muito tradicional na cultura santarena, porém sua originalidade se deve à introdução da pintura a óleo retratando paisagens amazônicas. Nasceu em Santarém, no dia 24 de junho de 1901, e faleceu em São Paulo, em 25 de fevereiro de 1964. Portanto, pela sua contribuição para a cultura local, nada mais justo do que esse importante reconhecimento a um dos mais notáveis artistas santarenos.

O CCJF é um dos pontos turísticos que mais recebem visitantes e turistas em Santarém, e, segundo sua gestora, o público visitante é bem diversificado, merecendo destaque para estudantes do ensino fundamental e médio das escolas locais e região, turistas nacionais e internacionais, em sua

maioria a partir de quarenta anos. Muitos desses visitantes e turistas chegam através dos navios de cruzeiros marítimos durante os meses de novembro a maio, alta temporada desse meio de transporte na região, provenientes, em sua maioria, dos Estados Unidos, da Europa e da Ásia.

Diante do exposto, a questão norteadora deste artigo é destacar o CCJF enquanto patrimônio cultural edificado, bem como atualizar informações sobre ele.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O caminho percorrido para a concepção deste artigo deu-se a partir de leituras de literatura clássica da história de Santarém, como os livros: *Tupaiulândia*, de Paulo Rodrigues dos Santos; *Santarém: momentos históricos e Santarém logradouros públicos* de Wilde Fonseca; *Santarém: uma síntese histórica* da professora Terezinha Amorim; de autores que discutem sobre patrimônio como: *A pedra e o tempo: arquitetura como patrimônio cultural* do professor Flávio Carsalade; *O patrimônio como categoria de pensamento* de José Reginaldo Gonçalves; estudiosos sobre a categoria memória *Entre memória e história: a problemática dos lugares* de Pierre Nora, entre outros.

Ademais, recorreu-se a alguns artigos recentes, bem como a consulta a sites e documentos oficiais, a exemplos, os da Prefeitura Municipal de Santarém, da Câmara Municipal de Santarém, da Secretaria Municipal de Turismo, vide o Inventário da Oferta Turística. Recorreu-se também a blogs de cunho histórico e turístico e sites como o *Tripadvisor*, a fim de se buscar imagens atualizadas e de melhor qualidade.

Fez-se, também, pesquisa documental (histórico do CCJF). O documento foi disponibilizado pela gestão do órgão, e os dados de visitação, do ano de 2022 e dos cinco primeiros meses de 2023, foram coletados mediante entrevista não estruturada, realizada em maio de 2023, por aplicativo de mensagem *WhatsApp*, com a gestora do CCJF. Houve ainda entrevista não estruturada com uma estagiária do João Fona, aluna do Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal do Pará (IFPA), Campus Santarém, em abril de 2023.

A entrevista com a estagiária foi importante para obtenção de dados prévios sobre a estruturação, divisão e funcionalidade do acervo. Em novembro de 2023, ocorreu uma entrevista não estruturada com dois funcionários do CCJF sobre o quadro funcional. Conforme relatado, 12 funcionários compõem o órgão, sendo 4 agentes administrativos e 2 serviços gerais (todos concursados), 5 vigias e a coordenadora (temporários).

2.1 O CENTRO CULTURAL JOÃO FONA COMO PATRIMÔNIO DE SANTARÉM

O sentido de patrimônio estava vinculado, no passado, à ideia de aquisição de bens e à herança deixada/transmitida de alguém a outrem (Castriota, 1998), (Gonçalves, 2009). Ao longo da história, houve uma ressignificação de seu conceito que, no presente, engloba uma infinidade de concepções (patrimônio financeiro, imobiliário, histórico, econômico, arquitetônico, cultural, artístico, etnográfico, ecológico, genético e recentemente reconheceu-se a categoria imaterial ou intangível). Dessa forma, estamos diante de uma palavra polissêmica e inerente à condição humana há muitos anos.

Como sustenta Gonçalves (2009, p. 25), [...] “parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra”. O mesmo autor, em artigo recente (2021, p. 643), assinala que “[...] o patrimônio é uma das modalidades da memória-coletiva”.

Em Carsalade (2014), encontramos uma aproximação da visão de patrimônio defendida por Gonçalves (2009), pois ambos sustentam a complexidade dessa categoria devido a sua heterogeneidade e polissemia, envolvendo uma série de dimensões (herança, lugar, identidade, significado, memória, documento e monumento). Carsalade (2014, p. 149) afirma que o conceito de patrimônio “[...] é mutante, e a cada volta aparecem-lhes novas luzes com correspondentes novos focos”

Para Maria Cecília Londres Fonseca (2005, p. 21), os patrimônios culturais merecem destaque

Pelo valor que lhes é atribuído, como manifestações culturais e símbolos [...], esses bens passam a ser merecedores de proteção, visando à sua transmissão para as gerações futuras [...], tendo como objetivo reforçar uma identidade coletiva.

Na mesma perspectiva sustenta Salgado (2010, p. 14), ao afirmar que “o patrimônio é como um elemento autônomo na cidade, de características excepcionais”. Nesse sentido, o CCJF constitui-se em um bem patrimonial da cidade de Santarém, sendo único e imponente.

Segundo Oliveira (2008), ao se falar em patrimônio, remete-se também à história, memória e identidade, categorias inter-relacionadas, cujos conteúdos são definidos e modificados ao longo do tempo. Já Choay (2006, p. 11) infere que [...] “a expressão Patrimônio Histórico designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade [...] constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum [...]”.

Funari e Pelegrini (2009, p. 23) corroboram para o debate, ao afirmarem que “[...] os bens culturais tomados como ‘legado vivo’ que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, reúnem referenciais identitários, memórias e histórias”. O Patrimônio também está relacionado à transmissão, ao legado, ou seja, algo que teve grande significado e valor no passado e que é considerado importante para o presente e para o futuro dos grupos sociais.

O Patrimônio, no tempo presente, é entendido amplamente, como mostra Fonseca (2012, p. 5): “[...] é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes e falares [...], as ideias e a fantasia”. Na perspectiva de Fonseca (2012), por conseguinte, está balizada a ideia de Patrimônio na contemporaneidade. Do mesmo pensamento compartilha Arantes (2021, p. 405), quando afirma que ele (o patrimônio) é muito mais que herança, e hoje “se apresenta mais como ponte construída em direção ao futuro”. Por outro lado, Barretto (2000) entende que o Patrimônio pode ser classificado em duas divisões: natural e cultural.

De posse desses conceitos, pode-se aferir que o Patrimônio Cultural de Santarém é muito rico e diversificado, merecendo destaque o artesanato local, manifestado em cuias pintadas, traçados de palha, comidas típicas, artesanato em látex, em tecido; manifestações artísticas, como a Festa do Sairé, festivais de dança, arquitetura colonial, como as edificações dos séculos XVII a XIX, entre as quais está o CCJF. Por outro lado, o Patrimônio Natural está relacionado a beleza cênica das praias de areia branca, águas doces e límpidas, dos igarapés, florestas, cachoeiras, pelo encontro das águas

barrentas do Rio Amazonas e azul do Rio Tapajós, entre outros.

Logo, o CCJF constitui-se em um dos espaços de história, memória e identidade cultural mais significativos de Santarém e região oeste do Pará, pois, além de todo o valor histórico de sua arquitetura, é uma das edificações mais antigas da cidade, que consegue se manter preservada e conservada, constituindo-se como uma referência para os moradores da cidade e turistas.

Ainda que muitos santarenos nunca tiveram a oportunidade de adentrar ao CCJF e conhecer o seu valioso acervo, o “Museu de Santarém” não fica absorto, seja pela sua arquitetura diferenciada, imponente, ou pela sua localização privilegiada, onde muitos, todos os dias, aproveitam para registros fotográficos, principalmente da sua fachada ou escadaria, ou ainda para contemplar o emblemático encontro das águas dos Rios Tapajós e Amazonas.

Por outro lado, quem tem a oportunidade de o visitar, faz uma viagem pela história de Santarém, iniciando-se no estágio de Aldeia, passando por Vila até a constituição da Cidade. Em cada canto do CCJF, existem “restos”, vestígios de memórias (Nora, 1993) que detêm símbolos da cultura local.

2.2 UMA VIAGEM PELO CENTRO CULTURAL JOÃO FONIA

Adentrar no CCJF é realizar uma imersão na história de Santarém. Cada sala, cada espaço carrega fases, estágios pelos quais a cidade passou. Desde a sua concepção como Câmara Municipal, o CCJF já passou por muitas transformações que o tornaram um lugar de memória múltipla. Seus espaços abarcam uma infinidade de símbolos carregados de reminiscências individuais e coletivas.

Para Nora (1993, p. 9), “a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento [...], é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]”. Do mesmo pensamento corrobora Meneses (2012, p. 30), ao indicar que “lidar com a memória é entendê-la em sua construção, tendo a consciência de que ela é devir, é processo dinâmico e em andamento [...]”.

Ainda, sobre o conceito de anamnese, assim afirma Le Goff (2003, p. 366): “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas [...]”. Na mesma linha de raciocínio, Flávio Carsalade (2015, p. 186) sustenta que “A memória seria, de fato, importante fator de equilíbrio psicológico, mas nunca algo congelado e imutável, posto que sempre sujeito a transformações constantes e a evocações sempre diferenciadas”. Ao analisarmos o entendimento dos autores acerca do referido conceito, fica evidente que, para Carsalade (2015), Le Goff (2003), Meneses (2012) e Nora (1993), ela está sempre em transformação, portanto, é um fenômeno dinâmico, orgânico, aberto.

Os espaços que guardam lembranças coletivas ou individuais são denominados por Nora (1993) como “lugar de memória”. Para ele, museus, monumentos, bibliotecas, arquivos são exemplos clássicos desses espaços, porém existem também alguns livros e dicionários. Para Nora (1993), esses lugares e objetos servem para nos lembrar de algo que não podemos esquecer. Partindo desse entendimento, o CCJF é um lugar de reminiscência onde suas onze salas, com características e peculiaridades distintas, provocam uma imersão a um passado distante, desde os antepassados até o presente século, nesse devir postulado por Meneses (2012).

A sala Barão de Santarém é uma homenagem a um dos homens públicos mais influentes do século XIX. Entre os cargos por ele assumidos, pode-se destacar o de juiz de paz, deputado estadual, comandante da guarda nacional e vice-presidente da província. Em 1871, o Imperador Dom Pedro II concedeu-lhe a honraria perpétua de Barão de Santarém. Na referida sala, estão expostas 42 telas, pintadas a óleo, que representam ex-intendentes e prefeitos, assinadas pelos artistas plásticos Laurimar Leal e Manuel Apolinário.

Por meio das telas, pode-se realizar um passeio por diferentes fases da política santarena, dividida em intencências imperiais, república e pós-república. Outras peculiaridades que as telas apresentam são: 1) a ilustração da primeira mulher a governar Santarém, Violeta Moreira Sirotheau; 2) a que retrata o prefeito Elinaldo Barbosa dos Santos, assassinado dentro de seu gabinete, no CCJF, em 1969; e 3) um quadro do pintor e músico que dá nome ao CCJF, João Fona.

Três salas contemplam o Museu Arqueológico Ubirajara Bentes de Sousa. Nelas, pode-se encontrar objetos e artefatos dos antepassados indígenas Tapajó, sendo que todas as peças em cerâmica foram doadas por Bentes. No acervo de cultura Tapajó, o visitante pode contemplar “[...] urnas mortuárias, zoomórficas e antropozoomórficas, louçarias, líticos, estatuetas, fragmentos cerâmicos e sambaquis” (Histórico [...], 2016) (FIGURA 3).

Cabe destacar que os sítios históricos mais pesquisados em Santarém estão localizados na região central, no bairro Aldeia e no Sítio Porto que se estende do bairro Laguiño ao Mapiri. Conforme o histórico do CCJF, toda a arqueologia de Santarém está relacionada aos indígenas Tapajó, cuja cerâmica é denominada Santarém ou Tapajônica. Todavia, os estudos indicam que esse grupo habitou a região apenas nos últimos 1.300 anos, pois há vestígios de outras populações indígenas antes e durante o período dos Tapajó.

Figura 3 – Sala Ubirajara Bentes de Souza: Museu arqueológico (na sequência: cerâmicas Tapajó, fragmentos líticos, urna mortuária com ossos, Vaso de Cariátides e Vaso de Gargalo)



Fonte: Site *Tripadvisor*, com exceção foto 5, Vaso de Gargalo, Retirada do blog diário do FB (2022).

Conforme o histórico do CCJF, alguns pesquisadores (as) e arqueólogos (as) merecem destaque no que tange às suas contribuições acerca da cultura arqueológica de Santarém e região. Entre eles e elas, pode-se citar os estudos do alemão autodidata, arqueólogo e antropólogo, Curt Unkel, que se debruçou a pesquisar populações indígenas na região. Merece destaque também a pesquisadora Conceição Gentil Corrêa, pois foi a primeira a catalogar todo o acervo arqueológico do local, dividindo-o em cinco partes: “[...] urnas mortuárias, líticos, louçarias, estatuetas e fragmentos cerâmicos.” (HISTÓRICO [...], 2016).

Em outra sala do CCJF, denominada de Gabinete Protocolar Prefeito Elinaldo Barbosa dos Santos, pode-se observar três telas pintadas por Domênico de Angelis, quais sejam: uma de Dom Pedro II e as outras duas do ilustre Barão de Santarém, Miguel Pinto Guimarães, primeiro presidente da Câmara Municipal, e sua esposa, respectivamente. Entretanto, essa sala entrou para a história devido ao fatídico assassinato do antigo prefeito Elinaldo Barbosa dos Santos, em 1969.

A antessala do Gabinete Protocolar funcionou, no passado, como cadeia pública feminina, e, nesse século, guarda telas do artista plástico santareno Laurimar Leal, as quais representam cenas de negros escravizados e instrumentos de tortura. Nessa sala ainda podem ser observadas as grades em ferro da cadeia.

Em outras três salas, que funcionavam no passado como cadeia masculina, em 2023 passou a compor o setor administrativo do CCJF, onde pode-se contemplar algumas telas de artistas locais. Existe também a sala denominada de curiosidades, onde o visitante encontrará algumas peças indígenas da etnia Wai-wai, e o esqueleto de uma baleia da espécie *Minke*, que ficou presa e morreu nas águas do Rio Tapajós, em 2007. Nessa sala, está exposta ainda uma águia confeccionada em cobre, que ornava o frontão do antigo Teatro Vitória à época da sua construção, em 1895, de autoria do arquiteto e engenheiro francês Maurice Blaise. Por fim, ainda na sala de curiosidades, encontra-se uma escrivanhinha do escritor santareno Paulo Rodrigues dos Santos, autor de um dos livros mais completos da história de Santarém, intitulado “Tupaiulândia”.

Em continuidade ao *Tour* pelo CCJF, chegamos à sala Felisberto Sussuarana, onde pode-se encontrar raro acervo literário, desde 1872. Há também decretos e portarias datados de 1939. A sala seguinte é denominada de Galeria de Exposições Transitórias, onde artistas das mais variadas vertentes podem expor sua arte (pintores, escultores, fotógrafos, artesãos). A sala dos ex-intendentes e prefeitos concentra telas dos homens e mulheres que governaram a cidade, é uma homenagem a eles e elas. É a porta de entrada do CCJF. A última sala do CCJF contemplou a antiga Câmara Municipal e o Tribunal do júri. Nela, o visitante encontra pinturas em forma de painéis que retratam paisagens amazônicas e Santarém antiga de autoria de Laurimar Leal, móveis de época e uma tela confeccionada por João Fona, em 1935, denominada de “A Justiça”, localizada ao centro.

Dessa forma, não há dúvidas de que o CCJF é um lugar de memórias para os santarenos, e que essas, individuais ou coletivas, permanecem vivas desde a sua concepção, passando por muitos períodos até se tornar esse espaço cultural e plural.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as principais constatações desse estudo, cabe destacar que o CCJF é um lugar de memória e um importante bem patrimonial tanto para os moradores de Santarém como para visitantes e turistas. Por meio da entrevista realizada com a gestora, percebe-se que o público que visita o João Fona é diversificado, compreendendo alunos do ensino fundamental e médio das escolas locais e região, turistas nacionais e internacionais, com faixa etária a partir dos quarenta anos, em sua maioria. Em 2022, houve a presença de 6.454 visitantes, e até o dia 15 de maio de 2023, o espaço recebeu 5.035 pessoas, sendo que no mês de março de 2023 se recebeu o maior público, 2.140 visitantes. Vale ressaltar que o CCJF abre de segunda a sexta-feira, de 8 às 18h.

Percebeu-se que, apesar da importância para a história, memória, preservação e conhecimento, muitos santarenos ainda não tiveram a oportunidade ou até mesmo o interesse de visitar o CJF. Talvez seja essa a explicação para tantos ainda se referirem a ele como “Museu de Santarém”. O museu arqueológico faz parte sim desse todo, juntamente com as outras salas, que juntas o tornam esse centro cultural, além de museu.

Vestígios das cadeias feminina e masculina podem ser observados a partir das grades de ferro. A escrivaninha de um dos mais célebres escritores santarenos, Paulo Rodrigues dos Santos, e a sala onde houve um fatídico assassinato estão guardadas nesse patrimônio edificado, lugar de memória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo o que foi pesquisado, pode-se afirmar que o CCJF é um dos raros espaços patrimoniais de história e memória da cidade de Santarém e região, e é a única edificação patrimonial tombada em Santarém por decreto municipal. O CCJF representa não apenas um marco arquitetônico em Santarém, mas também um símbolo vivo da rica história e diversidade cultural do Pará. Sua construção remonta ao século XIX, período marcado por importantes transformações na Amazônia. Originalmente utilizado como Câmara Municipal, o CCJF testemunhou as transformações políticas, sociais e culturais que moldaram a identidade de Santarém ao longo dos anos.

Há carência de informações mais detalhadas e atualizadas sobre esse espaço histórico e diversificado, lugar de memória e identidade.

Constatou-se que fazem parte do quadro efetivo do espaço 06 funcionários, sendo 4 agentes administrativos e 2 serviços gerais, além dos temporários. Entretanto há a necessidade de Guias de Turismo qualificados para prestar informação e orientação sobre o acervo, importância etc.

O turismo cultural sustentável e responsável pode desempenhar um papel importante na divulgação e preservação do patrimônio histórico e cultural de Santarém. O CCJF, com seu rico acervo e programação cultural diversificada, tem o potencial de se tornar um polo turístico de destaque na região. As ações de valorização da cultura tradicional, para a capacitação de Guias de Turismo e parcerias com instituições de ensino e pesquisa podem contribuir nesse sentido.

Não foram encontrados materiais institucionais em formato de guia, folhetos, mapas ou outros sobre o CCJF. No mais, recomenda-se a possibilidade desse espaço ser aberto aos finais de semana para que mais pessoas possam ter a oportunidade de conhecê-lo e identificá-lo como Centro Cultural João Fona. Investimentos na integração com a comunidade local e no desenvolvimento de programas educacionais e culturais podem ajudar a promover uma maior valorização e apropriação do espaço por parte da população santarena.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. T. S. **Patrimônio histórico e arquitetônico de Santarém**: projeto de produção de réplicas e catalogação dos prédios históricos. Santarém: Brasil, 2009.

AMORIM, A. T. S. **Santarém**: uma síntese histórica. Canoas: ULBRA, 1999.

ARANTES, A. Salvaguarda, um dispositivo-chave de gestão patrimonial. /n: QUEIROZ, H.; SANT'ANNA, M. (org.). **Em defesa do Patrimônio Cultural**: percursos e desafios. Vitória: Milfontes, 2021.

BARBOSA, F. **Fotografia do Centro Cultural João Fona**. Disponível em: <https://diariodofb.com/2018/03/31/vamos-conhecer-o-centro-cultural-joao-fona>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papyrus, 2000.

CARSALADE, F. L. **A pedra e o tempo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

CARSALADE, F. L. Permanência e transformação na Memória e no Ambiente. /n: PINHEIRO, A. R. (org.). **Cadernos do patrimônio cultural**. Fortaleza: Iphan, 2015.

CASTRIOTA, L. B. O Inventário do patrimônio urbano e cultural de Belo Horizonte. /n: SHCU, 5., Campinas. **Anais [...]**, Campinas, 1998.

CARVALHO, L. G.; FILHO, O. R. L. S.; SANTOS, E. N. S. O baú do Laurimar: documentos biográficos e narrativas da cultura em Santarém/PA. **Cadernos do Ceon**, Chapecó, SC, v. 32, n. 51, p. 94-109, dez. 2019.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2006.

CONSELHO Internacional de Museus - ICOM. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 24 nov. 2022.

FONSECA, M. C. L. **Patrimônio cultural e imaterial**: para saber mais. 3. ed. Brasília: IPHAN, 2012.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/Minc-Iphan, 2005. 295 p.

FONSECA, W. D. **Santarém**: logradouros públicos. Santarém: ICBS, 2007.

FONSECA, W. D. **Santarém**: momentos históricos. 6. ed. Santarém: ICBS, 1996.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GONÇALVES, J. R. S. A descoberta do cine vaz lobo: memória e patrimônio num subúrbio carioca. *In*: QUEIROZ, H.; SANT'ANNA, M. (orgs.). **Em defesa do Patrimônio Cultural**: percursos e desafios. Vitória: Milfontes, 2021.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. *In*: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

HISTÓRICO do Centro Cultural João Fona. 2016 (Mimeo).

IBGE – INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**. Santarém. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/santarem.html>. Acesso em: 22 jul. 2023.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MENESES, J. N. C. **A patrimonialização da vida**: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural. *In*: BRUSADIN, L. B.; COSTA, E. B.; PIRES, M. D. C. (org.). **Valor patrimonial e turismo**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, L. L. **Cultura é patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PIRES, E. B. *et al.* Análise espaço temporal da expansão urbana de Santarém-Pará. *In*: COBRAC, 13., 2018. **Anais [...]**, Florianópolis: COBRAC, 2018.

SALGADO, M. **Ouro Preto**: paisagem em transformação. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTARÉM. Secretaria Municipal de Turismo. **Inventário da oferta turística de Santarém.**
Santarém: SMT, 2018.

SANTOS, P. R. **Tupaiulândia.** Santarém: ICBS/ACN, 1999.

1 Doutorando em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Mestre em Turismo pelo Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – CET /UnB (2015); Especialista em Educação Ambiental – IBPEX (2004) e em Docência para a atuação Profissional, Científica e Tecnológica – IFPA (2018); Graduado em Turismo, Universidade Federal do Pará – UFPA (2002); Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – EBTT/IFPA.
E-mail: eliasturismo@yahoo.com.br

2 Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo – USP (2004); Mestre em Urban Design - Oxford Polytechnic (1980); Graduado em Arquitetura e Urbanismo, Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (1974); Professor Titular, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Coordena o Grupo de Pesquisa em Desenho Ambiental do CNPq e o Laboratório da Paisagem vinculado ao Departamento de Urbanismo e ao PACPS, desde 2008; Vice-Presidente da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, desde 2015.
E-mail: staelalvarenga@gmail.com

3 Doutora em Arquitetura e Urbanismo – UFMG, bolsista Capes/Reuni do Especialista em Revitalização Urbana e Arquitetônica pela UFMG; Mestre em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável – UFMG; Professora titular do Departamento de Urbanismo do curso de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG; Coordenadora da Pós-graduação em Arquitetura da Paisagem – PUC/MG; Foi professora substituta no departamento de Urbanismo – UFMG e assistente do departamento de Engenharia civil na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais Foi bolsista Capes/Reuni do Especialista em Revitalização Urbana e Arquitetônica pela UFMG;. Graduada em Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC/MG; Foi Analista de Gestão, Proteção e Restauro e Gerente de Projetos e Obras – IEPHA/MG.
E-mail: ms.marinasalgado@gmail.com

4 Doutor em Artes (ênfase em Conservação Preventiva), Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG (2013); Mestre em Engenharia Mecânica – UFMG (2000); Graduado em Arquitetura e Urbanismo – UFMG (1994); Professor Adjunto nível 4 no Curso de Graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes – UFMG e nos Programas de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes e em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, da Escola de Arquitetura – UFMG; Vice-presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Tecnologia e Ciência do patrimônio – ANTECIPA. E-mail: willidebarros@ufmg.br

Recebido em: 25 de Fevereiro de 2024

Avaliado em: 14 de Abril de 2024

Aceito em: 25 de Junho de 2024



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2024 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

